A água: veículo e lugar de encontro para a missão de Deus



Carlos González

Uma reflexão sobre as experiências de Agar, da mulher samaritana, do paralítico de Betesda, e a "água da vida" de Apocalipse.

Introdução

Com base em duas passagens do Antigo Testamento e em três do Novo Testamento nos acercamos à teologia da água, como veículo e como ponto de encontro para a missão de Deus. O estudo, enfocado de um ponto de vista ibero-americano, quer ser prático e servir de apoio a aquelas e aqueles que servem em regiões carentes de água, em projetos missionários.

Justificação

Esse tema me interessa porque contribuí para cavar poços e prover água potável em comunidades rurais no Norte da África, como parte de iniciativas missionárias. Em um futuro próximo planejo estudar a relação (ou relações) entre projetos de desenvolvimento levados a cabo por missionários ibero-americanos em países muçulmanos e o estabelecimento de igrejas. A teologia missionária da água faz parte da teologia do desenvolvimento.

Carlos Gonzáles dedicou 30 anos estabelecendo novas igrejas, primeiro na Espanha e nos últimos 13 anos no mundo islâmico. Foi vinculado ao PM Internacional e ao IIbET. É espanhol. Este artigo foi escrito em maio de 2008.

Antigo Testamento

Encontro vivificante junto à água (Gênesis 16)

O relato, inserido na história e promessas feitas a Abrão, introduz as esperanças e desventuras de Agar, “a serva de Sarai” (em hebraico *sipha*), uma serva que tem uma posição de privilégio nos aposentos da senhora, como ama de companhia. Como tal, ela estava a salvo das duras tarefas do resto dos servos de Abrão e Sarai. Consciente da promessa divina de um herdeiro, e tendo em vista sua esterilidade, Sarai dispõe Agar como uma propriedade e a entrega a Abrão para que conceba um filho que logo não será dela, mas seu.

Esse tipo de matrimônio ou arranjos eram comuns naquela época, assim como em todas as sociedades fortemente grupais onde a sobrevivência do herdeiro, cabeça do clã, constituía a principal prioridade (Malina, 2001, PP.146-7). Quando a serva se encontra grávida e surgem rivalidades entre ambas as mulheres, Sarai culpa a seu marido, que se desfaz tanto da serva como do filho que leva em seu ventre.

Provavelmente Agar esperava que sua gravidez trouxesse consigo uma mudança de status, sendo ela portadora do filho prometido. Mas a frase lapidar de Abraão “faz com ela como achar melhor”, confirmando a condição da serva como propriedade da qual se pode dispor, causou o desmoronamento das esperanças de Agar.

Quando maltratada por sua senhora (em hebraico *‘nh*; um verbo intenso), Agar toma a iniciativa e foge para o Egito, sua terra natal. Agar é uma mulher lutadora, de caráter, que aspira algo melhor. No espantoso deserto de Sur[1] se detém junto a uma fonte e ali ocorre o encontro que marcará seu destino: *um encontro vivificante junto a água*.

No relato desses poucos versículos cinco coisas extraordinárias acontecem. Agar tem o primeiro encontro mencionado na Bíblia com o Anjo de Jeová, uma teofania, o qual começa uma conversa com ela (tratando-a como pessoa, como igual); recebe a mesma promessa outrora feita ao seu amo (cf. Gênesis 16:10 e 15:5); o filho que leva em seu ventre recebe um nome, Ismael; e ainda ela se torna a primeira mulher na Bíblia que atribui um nome a Deus “O Deus que me vê”[2].

Tudo isso ocorre com uma mulher estrangeira, escrava e, ainda mais, fugida. Certamente a capacidade divina para nos surpreender não tem limites! Especialmente quando se compara com o trato que Abrão e Sarai dispensaram a Agar. Do ponto de vista de Agar podemos entender a injeção de ânimo, auto-estima e espiritualidade que significou aquele encontro, e que a capacitou para regressar e sujeitar-se à ciumenta Sarai.

1 Ao sair do Egito os israelitas andaram por 3 dias no deserto de Sur sem encontrar água (Exodo 15:22).

2 Ver Halls (2008, p.11) e Wright (2004, p. 260). É sintomático que muitos comentaristas ignorem este fato, fixando-se então no nome que Agar outorga ao poço.

Do ponto de vista da missão, a passagem é muito sugestiva, de vários ângulos, individuais e globais. Em particular para Agar, que exclama “Teria eu visto Aquele que me vê?” (16:13, Carroll, 1966, p. 340) se cumpre o objetivo da missão: que os usuários da água vivam após terem encontrado a Deus no lugar sagrado. Do ponto de vista global, toda a ação está em perfeita harmonia com o conjunto da mensagem missionária da Bíblia. “Deus ouve” não é somente o nome dado a Ismael, senão um reflexo da própria natureza de Deus. Deus ouve a mulher desamparada, protótipo de todos os marginalizados e dos que se encontram sós (órfãos, viúvas, estrangeiros, pobres) aos quais Deus sempre está atento e pronto a responder. Tal qual faz notar Bosch (1978, p.3) “Jeová revela a si mesmo como o paladino dos fracos, afligidos e oprimidos”. Mas a história continua, com uma reviravolta dramática.

Água que sustenta no deserto (Gênesis 21)

Tudo mudou. Abrão e Sarai passaram a ser Abraão e Sara; e Agar já não é dama de companhia, mas, agora, é a escrava (em hebraico *‘ama*) (Treacy-Cole, p. 40), que não toma a iniciativa, mas que é expulsa. A mulher lutadora desaparece para mostrar a mulher quebrada e desanimada que, em lugar de dirigir-se ao Egito, vaga pelo deserto e se deixa morrer. Mesmo Ismael, subitamente despertado do seu sono ao amanhecer (21:14), deixa de ser o filho querido, o rapaz que sonha em ser como seu pai, o herdeiro de sua grande fortuna e prestígio, incluído no pacto e circuncisão, para tornar-se deserdado, andarilho e solitário. Em um instante tudo lhe foi retirado.

Esse ponto de vista (da ótica dos rejeitados) é fundamental para entendermos o povo árabe em particular e entendermos o conjunto do mundo muçulmano em geral, ou seja, a quinta parte da humanidade. Esse sentimento de não pertencer, de privação, de injustiça, jaz no mais profundo da alma muçulmana (McCurry, 1995, p. 50-1) Em verdade, os muçulmanos se consideram descendentes e herdeiros de Ismael, algo mencionado com freqüência no Alcorão. Ademais:

> *Nos ritos dos peregrinos a Meca, cada muçulmano revive a busca desesperada de Agar por água, correndo entre os montes de As-Safa e Al-Marwa. A busca alcança o seu clímax quando chegam ao poço de Zamzam onde bebem em memória da misericórdia de Deus por Agar. (McCurry, 1995, p. 41)*[3]

Entretanto, Deus ouve. Ouve o rapaz ainda em estado de choque e a mulher que devia “haver sonhado que ia dar à luz ao antecessor do Messias” (Kuyper, 1984, p. 17), agora quebrada e à beira do colapso. Deus também ouviu ao rico Abraão, que acabara de se dar conta que o peso de seus erros e dos erros de sua esposa iria recair sobre outros. Deveríamos entender que a bênção de Abraão tem “danos colaterais”?

3 Um holding empresarial iraniana atuando em todo o Oriente Médio comercializa refrigerantes e bebidas não alcoólicas que lembram a sede de Agar: Zamzam Cola. http://www.zamzamgroup.com.

Deus atende a ambos; promete a Abraão ocupar-se do jovem, e uma vez mais se apresenta a Agar e veicula sua bênção através da água. Esse encontro vai um passo adiante: "Deus se converteu no pai adotivo de Ismael" (McCurry, 1995, p. 48) e estava com ele (21:20).

Em um notável paralelo com o capítulo anterior, Gênesis 17, Deus se converte no El Shadai, o provedor e sustentador de Ismael. As implicações missiológicas são muitas: Ismael está incluído no pacto e bênção, ainda que não de todo (Gen. 17:1-14, 18-21); ou, melhor dizendo, é abençoado indiretamente através de Isaque e de sua semente, Jesus Cristo. Talvez seja esse um exemplo da "espiral hermenêutica" (Van Engen, sf, p. 74) que, pouco a pouco, e já no marco do pacto, vai ampliando o horizonte de nossa compreensão.

Infelizmente, nem Sara nem Agar alcançaram perceber a amplidão missionária de suas próprias circunstâncias e a intenção de Deus de abençoar a todos. Elas confundiram benção com eleição. A eleição de Isaque não representava uma ameaça para Ismael nem vice-versa, mas suas respectivas mães não entenderam assim e optaram pela ruptura: "Rejeita *essa escrava* e *seu filho*" (21:10, ênfase do autor). Desde então a ruptura se impôs na família de Abraão, somente deixada de lado em momentos pontuais, como no enterro de Abraão (Gen. 25:8). E desde então os descendentes de Abraão, em termos gerais, têm tomado para si mesmos a eleição e bênção divina enquanto que os descendentes de Ismael, de forma geral, têm vivido longe da bênção, com o sentimento permanente que tudo lhes foi arrebatado violentamente.

Por outro lado, muitos evangélicos hoje em dia parecem aceitar os "danos colaterais" recebidos pela parte mais fraca da história (o filho da escrava), como se fossem parte inerente da vontade de Deus. De acordo com essas leituras míopes da Bíblia, Deus parece ter favoritos. Pelo contrário, entendamos claramente que "Deus não faz acepção de pessoas" (Dt. 10:17, Jó 34:19, Atos 10:34, Ro. 2:11, Gl. 2:6, Ef. 6,9, Col. 3:25, 1 Pe. 1:17), "não quer que nenhum pereça" (2 Pe. 3:9, Ez. 18:23, 32, 33:11), senão que deseja abençoar a todos, em Jesus Cristo.

Novo Testamento

A água viva do Messias (João 4)

Uma vez mais o relato nos apresenta uma mulher só, marginalizada, de má reputação e sem ninguém que cuide dela (não tem marido, somente um homem que não se responsabiliza por ela). De novo encontramos uma mulher inquieta, lutadora e curiosa; Jesus lhe fará uma pergunta atrás da outra, inclusive perguntas tecnológicas, muito reveladoras para aqueles entre nós ocupados com cavar poços: "O poço é profundo e tu não tens com que a tirar" (4:11). Na realidade o poço de Jacó era a captação de uma fonte por meio de um poço profundo (32 m) e uma galeria de armazenamento (Pache, NDBfr, 1975, Jacob

puit; Hovey, 1973, p. 151). Jesus tem paciência com o raciocínio da anônima samaritana centrado no material e estimula sua mente (a trata de igual para igual) com contrastes e posteriormente com um argumento em escada,

Água	água viva
Sede	nunca mais terás sede
Poço	fonte que jorra eternamente

- Neste monte e em Jerusalém
  - Nem neste e nem em Jerusalém
    - A salvação vem dos judeus
      - Verdadeiros adoradores
        - Em espírito
          - Deus busca essa adoração

A samaritana compreendeu, e sua compreensão a levou a testificar a outros, sendo ela a raiz pela qual uma cidade inteira creu.

para finalmente verbalizar a expressão messiânica mais clara dos quatro Evangelhos: "Eu sou o messias" (4:26). Tudo isso com uma mulher estranha e destituída! De novo Deus nos surpreende, e não podemos deixar de ver os paralelos com a mãe dos ismaelitas: Agar viu, a samaritana compreendeu, e sua compreensão a levou a testificar a outros, sendo ela a raiz pela qual uma cidade inteira creu (4:40-42), demonstrando um entendimento missiológico profundo: "o salvador do mundo, o Messias". Não somente nosso salvador, senão o do *mundo inteiro*. Agar encontrou o "O que vive e me vê", enquanto a samaritana descobriu "o que me disse tudo quanto tenho feito" (4:29). Dois encontros com Deus junto a água.

Nesse contexto, devemos captar os dois lados da mesma moeda: de um lado o clamor universal de todos os seres humanos sedentos de realidade "Senhor, dá-me dessa água" (15) e, de outra parte, os campos brancos nos quais os obreiros do Senhor realizam diferentes labores, cada um em seu tempo, seja semear, seja ceifar (35-38).

Nesse caso, a bênção de Abraão, tanto através do trabalho tecnológico de Jacó, que cavou, como de sua herança espiritual (a salvação vem dos judeus), alcançou os que estavam "fora" do círculo da religião oficial de Israel, prefigurando a inclusão no pacto dos "separados, estranhos, não tendo esperança" (Ef.2:12), e da remoção da "parede da separação (Ef. 2:14).

Água curadora inalcançável (João 5)

Os técnicos em desenvolvimento entendem com facilidade as diferentes circunstâncias que, com respeito a água e sua utilização, envolvem tanto usuários no campo, como pessoas de origem rural que vivem perto de centros urbanos e a população totalmente urbana (Malina, 2001, PP. 81-2). Agar estava inserida no primeiro contexto, totalmente

rural e numa estrutura social de clãs. A samaritana era o protótipo das sociedades que vivem em pequenas cidades, mas cujas prioridades são marcadas por poucos latifundiários, donos da maior parte das terras. O paralítico de Betesda era um cidadão urbano. No panorama nacional de seu tempo, as prioridades de seus concidadãos e suas demandas de água estavam em equilíbrio e competição com as dos habitantes do campo e dos que viviam nas cercanias.

Como seria de se esperar no contexto, encontramos uma nova faceta da água: a água curadora, na história de outro anônimo, um paralítico há muito tempo, 38 anos. O tanque de Betesda, com seus pórticos decorativos, havia adquirido uma grande utilidade, não planejada inicialmente. Servia de refúgio para a miséria urbana doente que dispunha de um teto, enquanto esperava junto á água quieta (parada) que necessitada ser vivificada por um anjo para adquirir propriedades curativas, mesmo que essas propriedades fossem limitadas: cura somente para o que chegasse primeiro.

A água é veículo e lugar de encontro para a missão de Deus.

Jesus Cristo pergunta: “Queres ser curado?” (João 5:6), como perguntou antes o Anjo para Agar e o próprio Jesus provocara no diálogo com a samaritana.[4] A resposta mostra, de uma parte, a condição do homem paralítico, resignado a seu estado e, de outra, o inalcançável que era para ele a cura pela água curadora. No caso do paralítico de Betesda, a água não era uma opção de cura, e talvez fosse essa a razão pela qual Jesus prescindiu da água e nem sequer fez alusão a ela. Não obstante, a água do tanque cumpriu indiretamente sua função: serviu de ponto de encontro do homem doente com o Deus curador. A água é *veículo e lugar de encontro para a missão de Deus*.

Esse dado é especialmente relevante no evangelho de João, assim como em Apocalipse, onde se estabelecem, vez após vez, paralelos entre a água e vida espiritual (cf. João 7:37-39). Ao mesmo tempo, esse episódio, e o da mulher samaritana, se encaixam no que Niessen chamou de “paradigma joanino”, ou seja, o Cristo universal e encarnado “é a realização das expectativas dos seres humanos” (2008, p.9).

O paralítico urbano, a samaritana e os habitantes de Sicar são outros tantos personagens do quebra-cabeça multi-étnico que tiveram encontros transformadores com Jesus Cristo e que João nos apresenta. Igualmente, o texto nos intriga com a frase: “não peques mais, para que não te suceda coisa pior” (v. 14). A Bíblia não esconde de nós o pecado de Agar, da samaritana, do paralítico. Ao contrário, Deus é “O que me vê”, o “que me disse tudo quanto tenho feito”, e que conhecia o pecado do paralítico.

O comentário ou a defesa que Jesus faz da cura é muito relevante: “Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também” (5:17). De Rider vê nesse ato uma conexão missiológica clara entre o Antigo e o Novo

4 Note a importância das perguntas que parecem sem sentido ou fora de lugar. (Também Bartimeu: Mt. 22:32 e versículos paralelos). Quando oferecemos, sem perguntar, soluções que os pobres não pediram, lhes fazemos mais pobres ainda, privando-lhes de serem donos de sua situação e de partícipes na solução (Myers, 2002, cap.3).

Testamento. Ele esteve ativo desde sempre (1983, p. 172). É o *Deus-em-ação*, que trabalha tanto entre seu povo como fora dele, para levar a cabo seu propósito eterno de "fazer convergir todas as coisas em Cristo" (Ef. 1:10).

Tanto para os discípulos-aprendizes do Mestre, como para nós hoje em dia, o que é missão? É unir-se ao *Deus-em-ação* em Sua obra de trazer cura e reconciliar o cosmos com Ele. É propiciar os meios para que se produza o encontro que abre os olhos ao conhecimento infinito e amoroso que Deus tem de cada um dos sedentos. Algumas vezes significará cavar poços e construir reservatórios; outra vez será dar um copo de água em Seu nome. Em outras circunstâncias a sede espiritual será satisfeita por outros meios, conforme a infinita criatividade divina e a necessidade constante de todo ser humano: água viva que brote para a vida eterna.

Águas vivas para todas as nações (Apocalipse 7:17 e capítulos 21-22)

As menções à água na Revelação de João apresentam um marcante contraste entre as águas amargas que trazem morte (8:10-11), que se convertem em sangue (11:6 e 16:4-7) ou sobre as quais está sentada a grande prostituta (17:1 e 15), frente à voz de Deus que é como "voz de muitas águas" (1:15), quem criou "as fontes das águas" (14:7), e que dá de beber água da vida aos seus (7:17, 21:6 e 22:17). A polarização se torna evidente à medida que a história avança em direção ao seu final, à plenitude do reino eterno de Deus na Jerusalém celestial.

A cidade de Deus é o contexto principal que nos interessa. É chamada *Jeová-samá*, "O SENHOR Está Ali" (Ez. 48:35) e é sintomático que ela desce em direção a humanidade (Apoc. 21:2 e 3). É dizer: Deus mesmo vem morar com os homens! Será que poderíamos definir essa sociedade como urbanizada[5], quer dizer, governada pelas prioridades da cidade? O que sim sabemos com certeza é, primeiramente, que essa é uma sociedade sem nenhuma forma de pecado, o qual constitui uma cosmovisão completamente alheia a tudo que até agora conhecemos. Segundo, descobrimos um novo uso da água: Água para dar vida, a qual vai além da figura de linguagem, e descreve a realidade de outra classe de vida, contraposta à terrena.

A água é proporcionada pelo pastor-cordeiro que está no trono, a uma multidão incontável de todos os povos da terra (Apoc. 7:17). É o resultado final da *missio adventus*, e é oferecida a todo aquele que tenha sede e queira beber dela (21:6 e 22:17). O oposto é a falta da água e a sede que caracteriza o inferno na parábola do rico e Lázaro (Lucas

5 Desde que Caim construiu a primeira cidade, Enoque, ela tem sido considerada a obra máxima do ser humano, em contraste com a criação, obra de Deus. As cidades estressam e desumanizam, enquanto o campo relaxa. É sintomático como Deus – na consumação de todas as coisas – constrói uma cidade que humaniza, que em si mesma traz *shalom* a seus habitantes.

16:24). Pelo contexto podemos associar a água da vida com o *shalom* total que, neste caso, como contraste com a grande tribulação da qual saíram os redimidos, é apresentado geralmente em termos negativos: ausência de necessidades, ausência de dor e cuidado pastoral de Deus.

Mas a água ainda tem outro papel ou função na nova ordem cósmica. Um rio brilhante como cristal sai do próprio trono de Deus. É água de vida, que corre pela avenida principal da cidade, ou seja, é água urbana, que satisfaz necessidades (Morris, 1977, p. 303), ao mesmo tempo em que embeleza, refresca o ambiente e cria um ecossistema específico. Além disso, é água que produz vida, que vivifica tudo que toca. Este é um salto qualitativo muito importante. Na ordem antiga a água era necessária para a vida. Mas aqui é produtora de vida. Segundo a descrição de Ezequiel (47:1-12), as águas fluem por todo o vale desértico de Arabá até entrar no Mar Morto, o qual revive.

De cada lado desse rio vivo e vivificante crescem muitíssimas árvores frutíferas (Ez. 47:7 e 12), assim como uma árvore especial: a árvore da vida que cada mês produz fruto e cujas folhas são remédio e cura para as nações (Ap. 22:2)[6]. Cryder assinala o sentido do movimento "*partindo do* trono, *através da* cidade, *em direção* às nações" (2005, p. 1)[7].

Muitas perguntas ficam sem resposta quanto aos detalhes dessa sociedade perfeita, da mesma maneira que temos muitas perguntas no relato de Gênesis, cujo paralelismo é evidente. O que sim sabemos, em primeiro lugar, é que João escreveu Apocalipse com a intenção de animar os crentes a viver seu presente. É a esperança futura para a vida no presente. Em segundo lugar, devemos captar os elementos de continuidade entre a ordem presente e os "novos céus e nova terra" (Kuzmic, 1999, p. 152)[8]. Em terceiro lugar, "a obra missionária da igreja é a antecipação escatológica do Reino de Deus" (Cullman, 1956, p. 1), precisamente porque recebeu o Espírito Santo, garantia (arras) da realidade futura.

Toda descrição da Jerusalém celestial é um canto missionário, um convite a todos os sedentos para que venham a ela e tomem da água da vida para poder desfrutá-la em plenitude. É um convite a todos os indivíduos, instituições e nações a unirem-se ao coro dos que hoje suspiram: "vem, Senhor Jesus", "aquele que ouve, diga: Vem" (22:17 e 20).

Implicações

Algumas implicações e reflexões surgem da nossa análise. Elas são mencionadas aqui separadamente, como pontos soltos, mas formam

6 Todavia haverá necessidade cura naquele cosmos perfeito? Qual será o papel das nações? Será que Ap. 21:21 dá idéia que *algumas* nações serão salvas? Serão as folhas da árvore para cura das outras nações?

7 Ênfase no original.

8 Listar todos os elementos de tal continuidade está fora do alcance dessa monografia, mas a presença de árvores, água e rio – quer dizer, elementos materiais ou tangíveis – é um deles. Provavelmente as nações também o sejam.

parte de uma só unidade integradora: a vida de Deus.

1. Minha primeira reflexão, dedicada especialmente a meus colegas que provêm água em zonas desfavorecidas, sinala que os que cavam poços fazem história, história na qual Deus se revelou e se revelará de novo. Jacó cavou um poço em Sicar e ainda 18 séculos depois o fruto de seu trabalho serviu de veículo para a missão de Deus.

2. "Vivendo depois de haver visto" exclamou Agar. Esse é o objetivo da missão: que os usuários da água vivam depois de haver encontrado com Deus no lugar sagrado. Quando temos isso em mente, nosso trabalho como engenheiros ou técnicos de desenvolvimento ganha um novo significado.

3. A provisão limitada de água não é suficiente, nem material nem espiritualmente. A força dos relatos examinados se concentra no contraste entre o odre (Gen. 21:14) e a fonte que salta para a vida eterna. Que privilégio tem aqueles que trabalham provendo água, de dispor de semelhante ilustração, como o objetivo de guiar os "sedentos" para a água viva e eterna!

Toda descrição da Jerusalém celestial é um canto missionário, um convite a todos os sedentos para que venham a ela e tomem da água da vida agora.

4. Quando vejo um rio sujo e contaminado não posso deixar de lembrar-me do "rio brilhante como cristal", que brota do trono de Deus, dando-me conta, de novo, de quão afastado está o tempo presente do ideal de Deus. Não posso deixar de mencionar essa situação, ensinando os meus concidadãos a trabalharem para mudar essa poluição. Isso também é missão, *missão ecológica*, que pode impulsionar toda uma coletividade a trabalhar a favor da restauração do mundo de *Deus*, conforme o ideal de *Deus*, para a glória de *Deus* e desfrutar das criaturas de *Deus*. Além disso, se tanto no Éden, como no céu, havia e haverá árvores e rios, rechaço toda sujeira (lixo), etc., não posso deixar de preocupar-me pela ecologia. O mesmo pode-se dizer da arte, da decoração, da estética, do urbanismo, etc., ao considerar as pérolas, as pedras preciosas, as ruas da Nova Jerusalém.

5. Hoje em dia, a sexta parte da humanidade não tem acesso a água potável[9], e somente 49% da população dos países de baixo Índice de Desenvolvimento tem acesso a água tratada (UNDP, 2008). Por coerência teológica, os seguidores do criador do Éden e da Jerusalém celestial deveriam estar na dianteira da transformação dessa situação.

6. Não basta darmos água, temos que acalmar a sede. Não basta trabalharmos ecologicamente, devemos trabalhar desde a perspectiva do Criador. O desenvolvimento que não leva ou aponta para Jesus Cristo é claramente insuficiente:

> *A missão somente é missão se o seu propósito é guiar a gente ao arrependimento e a fé na obra acabada de redenção de Jesus Cristo, ...incorporando-lhes à nova comunidade messiânica e ... é relevante para as fronteiras que*

9 http://news.bbc.co.uk/hi/spanish/international/newsid_3601000/3601498.stm .

estão sendo cruzadas" (Bosch, 1978, p. 21)

Ao mesmo tempo, muitos técnicos e engenheiros que trabalham em projetos missionários, não sabem fazer a ponte entre a técnica e as realidades espirituais. Projeto e vida espiritual parecem andar paralelamente como os trilhos de um via férrea[10]. Urge provermos aos obreiros latinos uma capacitação específica neste campo: a integração da água (dos projetos de desenvolvimento em geral) e a vida espiritual. Em definitivo é "aterrissar" a chamada *missão integral* aos aspectos do campo. Myers menciona o exemplo de um missionário no Senegal, que se deu conta que:

> *tanto os muçulmanos como os cristãos estão familiarizados com o conceito de um pacto. O acordo sobre o programa se transformou em um pacto entre o povo, a agência e Deus. Deliberadamente se utilizou a linguagem do Antigo Testamento e se escreveu um pacto que dizia que a comunidade traria o que tivesse disponível, a agência faria o seu trabalho e, quando o poço de água fosse cavado com êxito, se agradeceria a Deus. (2002, p. 234).*

Outro exemplo nos chega de Bali, onde:

> *Essa preocupação pela criação [se expressou] construindo igrejas entre jardins e água, ... sem com isso comprometer a singularidade da revelação de Cristo, nem eliminar os muitos aspectos positivos da cultura Balinesa (Au Sable 1992, #2.9).*

Não existem "danos colaterais" nos planos e no atuar de Deus. Ele deseja abençoar a todas as nações e a todos os povos que as integram.

7. Um dado que nos alegra é a participação evangélica na exposição universal Expo 2008 em Zaragoza, Espanha, dedicada a água, de 14 de junho a 14 de setembro de 2008. A participação evangélica contará com um pavilhão de 416 m² de superfície e numerosas atividades, conferências, jogos, multimídia, etc., dedicadas a Água da Vida, assim como a água terrena. Oremos e trabalhemos para que tanto o conteúdo como a forma de comunicação apresentem adequadamente o Criador da água que quer satisfazer a sede de suas criaturas. Veja os detalhes em http://www.aguaviva2008.org/expo/index.

8. Desde a sua expulsão do Éden, o homem tratou de criar suas próprias réplicas da cidade-jardim para desenvolver nelas a vida (Cryder, 2005, p. 5). Babel, Babilônia com seus jardins e canais, ou os modernos espaços verdes, rios e lagos do Central Park em Nova Iorque, ou o Retiro de Madrid, são outros tantos exemplos. Sião foi um intento missionário de mostrar ao mundo o que a cidade de Deus devia ser (Sal. 46:4, 2 Cr. 9:8). Devemos aprender a "ler" e a discernir as ânsias do coração humano, também em sua busca urbanística e no uso que se faz da água, e trazer aos nossos concidadãos os padrões e leis do Reino, apontando-lhes a cidade-jardim "cujo construtor e arquiteto é Deus (Heb. 11:10). Oxalá muitos de nossos missiológicos

10 Esse é o problema que minha tese de doutorado pretende abordar.

se interessem pela arquitetura e urbanismo e que muitos de nossos arquitetos envolvam seu saber na missão de Deus[11].

9. Hoje em dia a quinta parte da humanidade se identifica com Agar.

> *Uma vez que Deus esteve cuidando tanto de salvar a vida dessa escrava egípcia e seu filho, deveríamos nos preocupar hoje em dia, como Ele, com os que se consideram serem filhos dessa escrava (McCurry, 1995, p. 39).*

   Ainda somente uma pequena parte dos esforços missionários ibero-americanos se concentra nas terras islâmicas, concretamente 6,5% (Limpic, 2005). Urge enviar, sustentar e capacitar os missionários latinos na sua aproximação missionária com o povo muçulmano, para levá-la a cabo de formas autenticamente contextualizadas, desde uma perspectiva latina.

10. Provavelmente devido a nossos preconceitos teológicos, nós os ibero-americanos, estamos especialmente cegos a necessidade missionária num setor muçulmano específico: o povo palestino. É muito difícil levantar fundos e apoio para obreiros[12] entre os palestinos, apesar do evidente paralelo entre o despojamento de Ismael e a experiência sofrida pelos palestinos desde o estabelecimento do estado de Israel.

11. As passagens bíblicas analisadas colocaram em destaque a preocupação divina pelos destituídos. Água que sustenta, sara e dá vida a mulheres, órfãos, mendigos e aqueles que não o merecem, mas que entraram na cidade celestial pelos méritos do Cordeiro. Longe de ser uma casualidade, esta é uma das características de Deus que encontramos ao longo de toda a Escritura (Bosch, 1978, p. 21) e há de ser igualmente hoje a nota dominante das *missiones ecclesiarum*, mas quão difícil é colocá-lo em prática!

12. Não existem "danos colaterais" nos planos e no atuar de Deus. Ele deseja abençoar a todas as nações e a todos os povos que as integram. Se Deus elegeu Isaque, não temos licença para inferirmos que Ele rejeitou Ismael[13]. Pelo contrário, vemos no relato bíblico a missão de Deus agindo através da história humana e seus fracassos. No tocante a nós, devemos estar atentos para discernirmos tanto os acertos como nos erros mostrados no texto bíblico, sejam eles realçados como tais ou não, à luz do conjunto da mensagem missionária da Bíblia e do caráter de Deus. Este tipo de leitura evitará a imposição de nossos próprios preconceitos sobre o texto (por exemplo, o favoritismo a Isaque). Igualmente, hoje em dia, não

11 É minha oração diária, uma vez que meu filho, criado em um lar missionário, estuda arquitetura.

12 Somente 0,3% dos missionários ibero-americanos que servem entre muçulmanos estão na Palestina (dados confidenciais do autor).

13 Da mesma maneira, a Bíblia repete em numerosas passagens que Deus elegeu para a salvação. Nunca diz que elegeu para condenação, ainda que alguns tentem inferir assim.

devemos aceitar que os “fins justifiquem os meios”. Pelo contrário, devemos examinar continuamente tanto nossas motivações como nossos procedimentos missionários para erradicar toda injustiça, falta de ética, danos a nacionais, desentendimentos entre agências e obreiros, etc.

13. A missão de Deus começa ali onde está a gente, as pessoas e suas necessidades. O “Deus que ouve” sempre esteve perto das gentes e, como seus seguidores, temos que aprender essa lição. Estar junto da gente é, entre outras coisas, conservar a capacidade de aproximar-se igualmente de ricos e pobres, dos abastados e dos desfavorecidos, pois ambos têm necessidades parecidas, ainda que contrapostas. O mesmo Deus que ouviu a escrava egípcia também ouviu a petição do rico Abraão (Gn.17:20). Essa foi também uma das marcas do ministério terreno do Messias. Uma pretendida “opção pelos pobres” não pode afastar-nos dos ricos, igualmente necessitados da Água da Vida.

14. A água, a cura e a vida que Deus proporciona aqui, são uma antecipação do céu, e um chamado missionário do próprio Deus através de seus servos e do Espírito Santo. Cada novo poço cavado ou restaurado, cada fonte, cada projeto de desenvolvimento, cada expressão genuína de vida, é um grito escatológico que anuncia a vida em plenitude que Deus “tem preparado para aqueles que o amam” (1 Co. 2:9). Devemos aprender a assinalar isso aos nossos concidadãos, de tal modo que os eventos presentes apontem em direção da consumação de todas as coisas em Cristo. Em concreto é fácil centrar-se nas necessidades e nas carências, tanto da comunidade como dos indivíduos, no ambiente dos projetos de desenvolvimento. Mas, concordando com o espírito que Paulo ensinou em Filipenses 4:8, “tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável... e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento”, como no *Appreciative Approach Inquiry*[14], encontramos enfoques como o proposto por David Cooperrider em 1990, que promove os pontos fortes da comunidade para resolver seus problemas e lograr uma situação sustentável. É fácil adaptar esta técnica para que a comunidade veja as marcas da imagem de Deus em seu meio, e promover assim um desenvolvimento enfocado no Criador. 

14 Vide http://iisd.org/ai/default/htm.

Bibliografía

Au Sable Forum 1992. (1999). Evangelical Christianity and the Environment. In Samuel, V. & Sugden, C. (Eds.), *Mission as Transformation* (pp. 345-59). Oxford, UK: Regnum.

Bosch, D. J. (1978). The Why and How of a True Biblical Foundation for Mission. *Lecturas adicionales TM10*, 19-26.

Carroll, B. (1966). *Génesis: Una Interpretación de la Biblia*. El Paso, TX, USA: CBP.

Cryder, C. (2005). *A Biblical Theological Exposition of Revelation 22:1-2*. Retrieved 22 Abr08, 2008, from http://sld.granitepeaks.com/sld/christian/rev_22_1-2.pdf

Cullman, O. (1956). Eschatology and Missions in the New Testament. *Lecturas adicionales TM10*, 234-240.

de Ridder, R. (1983). The Old Testament Roots of Mission. *Lecturas adicionales TM10*, 44-50.

Deiros, P. A. (1997). *Diccionario Hispanoamericano de la Misión*. Miami, FL, USA: Unilit.

Douglas, J., & Hillyer, N. (Eds.). (1991). *Nuevo Diccionario Bíblico*. Barcelona, España: Certeza.

Halls, T. (2008). *Growing from the edges: a call to reread Colossians*. Unpublished manuscript, Concord, CA, USA.

Hovey, A. (1973). *El Evangelio segun Juan*. El Paso, TX, USA: CBP.

Kuyper, A. (1984). *Mujeres del Antiguo Testamento*. Terrassa, España: Clie.

Kuzmic, P. (1999). Eschatology and Ethics: Evangelical views and attitudes. In Samuel, V. & Sugden, C. (Eds.), *Mission as Transformation* (pp. 134-65). Oxford, UK: Regnum.

Léon-Dufour, X. (Ed.). (1978). *Vocabulario de Teología Bíblica* (10ª rev. y ampliada ed.). Barcelona, España: Herder.

Limpic, T. (2005). *El Movimiento Misionero Iberoamericano: Catálogo 2006*. Retrieved 13 May 2008, from http://www.comibam.org/transpar/_menus/esp/web4-ib.htm .

Malina, B. J. (2001). *The New Testament World: Insights from cultural anthropology* (3rd rev& expanded ed.). Louisville, KY, USA: Westminster John Knox Press.

McCurry, D. (1995). *Esperanza para los Musulmanes* (1ª. ed.). Miami, FL, USA: Unilit.

Morris, L. (1977). *El Apocalípsis: introducción y comentario*. Buenos Aires, Argentina: Certeza.

Müller, K., & al. (Eds.). (1997). *Dictionary of mission : theology, history, perspectives*. Maryknoll, N.Y.: Orbis Books.

Myers, B. L. (2002). *Caminar con los Pobres: Manual teórico-práctico de desarrollo transformador*. Buenos Aires, Argentina: Ediciones Kairos.

Nelson, W. M., & al. (Eds.). (1975). *Diccionario Ilustrado de la Biblia* (3ª ed.). Miami, FL, USA: Caribe.

Nissen, J. (2008). Paradigms of Mission in the Four Gospels. *Lecturas adicionales TM10*, 63-72.

Pache, R. (Ed.). (1975). *Nouveau Dictionaire Biblique* (3ª revisada ed.). St.Légier s/Vevey, Suiza: Emmaüs.

Samuel, V., & Sugden, C. (Eds.). (1999). *Mission as Transformation: A theology of the whole Gospel.* Oxford, UK: Regnum Books Int'l.

Treacy-Cole, D. (2005). Rereading Revelation 12. In Sugirtharajah, R. (Ed.), *Wilderness: Essays in honour of Frances Young* (45-58): Continuum International Publishing Group.

UNDP. (2008). *Indices Desarrollo Humano 2007-2008*. In anonymous (Ed.). New York, USA: UNDP.

Van Engen, C. E. (). *Misión en el Camino: Reflexiones sobre la teología de la misión* (en prensa ed.).

Wright, C. J. (2004). *Old Testament Ethics for the People of God*. Downers Grove, IL, USA: InterVarsity Press.

* * * * *